

EDITORIAL

O número 20 da revista *Texto Poético* (2016/1) tem como tema de seu dossiê “Antologias, coletâneas e reuniões poéticas”.

No contexto atual dos debates acadêmicos, o termo “antologia” causa arrepio a algumas linhas críticas, especialmente aos Estudos Culturais, devido à sua tradicional função canônica. Nesse sentido, em tempos de luta pelos direitos de grupo historicamente excluídos, soa como atitude anacrônica ofertar ao público ou pesquisar coletâneas de textos que supostamente melhor representam uma época, um período literário ou um autor ou uma autora.

Entretanto, a antologia continua a despertar interesse junto ao público em geral, sobretudo junto aos leitores que desconhecem tais embates em torno de seu caráter canônico. Uma rápida visita a livrarias ou busca em páginas virtuais nos indicará algo em torno de centenas de títulos inéditos ou reeditados nos últimos vinte anos no Brasil.

Há também interesse nas universidades, como apontam os trabalhos de fôlego sobre o assunto apresentados em nosso número 20 da revista *Texto Poético*. Mas, importante destacar, tratam-se de estudos que tomam sob uma perspectiva bastante crítica e criteriosa quanto a seus respectivos ambientes de produção e circulação de tais antologias.

Fato é que as antologias continuam a manter um público e sua função de introdução ao conjunto da obra de um autor, período etc. Porém, ao contrário de seus antigos organizadores, movidos pela intocável função de preservar o cânone, os responsáveis por antologias já não o fazem nesse sentido sem padecer enormemente para justificar suas escolhas a um público mais complexo e plural do que outrora.

Prova disso é a recorrente saraivada de críticas que antologias recebem imediatamente da crítica e do público tão logo venham a lume, embora, paradoxalmente, haja uma grande procura por esse tipo de publicação, caso do famoso, sucesso de vendas e criticado volume *Os cem melhores poemas brasileiros do século XX* (2001), organizado por Italo Moriconi. Eis um exemplo notório dessa ampliação e mudança do conceito de antologia, que passa de um monumento canônico a ser emulado a um recorte, uma leitura muito pessoal, dentro de um universo de pluralidade de autores, autoras e também de público. Nesse sentido, dá muito o que pensar um movimento da envergadura como *Quilombhoje* lançar suas próprias antologias, como *Cadernos negros: os melhores poemas* (1998).

No ambiente contemporâneo, mais especificamente dos anos 90 para cá, ao contrário do mundo das práticas letradas do Antigo Regime, o público não toma a antologia como um instrumento de defesa da tradição de certa literatura de alta qualidade. Ao ler tal coletânea, leitores e leitoras muitas vezes comparam aquele recorte com suas seleções pessoais (estas orientadas por aspectos variados como ideologias, valores, experiências de leitura, influência de agentes literários como professores, televisão, internet etc.) e criam uma terceira seleção maleável, não-canônica, fruto de um processo dinâmico, aberto, uma espécie de florilégio individual em processo, em outras palavras, sua antologia íntima.

Prova dessa apropriação do sujeito do sentido do termo ‘antologia’ é a profusão de páginas eletrônicas dedicadas à divulgação da poesia com notórias seleções de repertório por parte de seus responsáveis, aliás, sob os mais variados gêneros virtuais, tais como blogs, revistas, jornais, fóruns, páginas pessoais etc.

Um exemplo produtivo no campo virtual é o *Jornal de poesia*, organizado por Soares Feitosa, que, além de desempenhar a função de biblioteca de antologias poéticas brasileiras e estrangeiras de A a Z,

também se dedica ao debate sobre poesia de maneira bastante diversa da linguagem acadêmica por meio de um fórum aberto a qualquer pessoa que deseje participar. Há de tudo, para o bem e para o mal.

Os exemplos de Moriconi e de Feitosa mostram que a permanência da antologia na cultura brasileira contemporânea não é tomada de modo laudatório ou acrítico. Fato também observável no dossiê que ora oferecemos ao público. Todos os artigos resultam de pesquisas em andamento ou concluídas sobre coletâneas produzidas e recebidas de maneiras diferentes conforme seus variados contextos, o que comprova que, se a prática de recolha e seleção de textos persiste com grande desenvoltura nos meios editoriais e na arena pública, a ideia de antologia também vem se transformando ao longo da história. Tanto assim que já é lugar-comum em termos retóricos, organizadores de antologias se contorcem em seus prefácios para justificar suas escolhas. Ao final, entre um estado estranho entre constrangido e aliviado, o responsável entrega o jogo dizendo se tratar de uma escolha, ao fim e ao cabo, pessoal.

Ademais, o público atual no Brasil se vale de antologias para duas funções: a primeira, mais tradicional, de introdução a uma obra, tema, período etc.; a outra é fazer um cotejamento de seu conhecimento do assunto com a seleção que lhe é ofertada e assim ampliar e/ou rever seu repertório.

Assim sendo, a seção “Dossiê” inicia-se com “A antologia kokinwakashû (905) e a formação da tradição poética japonesa”, de João Monzani, instigante trabalho sobre antologia poética imperial Kokinwakashû, compilada em 905 na corte japonesa no qual se discute os princípios que regem sua compilação, organização e seu papel inaugural e fundamental na criação da tradição nipônica de poesia.

O segundo artigo, “A antologia poética no antigo regime: apontamentos sobre os aparatos bibliográficos da Fênix renascida”, de Cássio Borges, discute a mais ampla amostra impressa da poesia

seiscentista lusitana, mais especificamente, bem como alguns dos aparatos bibliográficos que acompanham as impressões setecentistas dessa antologia, tendo em vista o estudo das convenções bibliográficas e dos protocolos de escrita e de leitura que balizam a sua produção e a sua circulação.

O terceiro trabalho, “Coleção ‘Literatura comentada’: orientações para a leitura de poesia”, de Maria Amélia Davi, volta-se argutamente para as importantes e conhecidas antologias que desempenharam importante papel de formação junto ao grande público da poesia brasileira durante os anos 80 e 90.

O quarto artigo, “A presença da literatura traduzida no suplemento dominical literário Letras & Artes (1946-1954)”, de Eldinar Lopes e Izabela Leal, comprova o aspecto de revisão em torno do conceito de antologia nas universidades. Nesse trabalho, as autoras procuram catalogar as traduções literárias publicadas no suplemento literário Letras & Artes, do jornal A Manhã, do estado do Rio de Janeiro, no período compreendido de 1946 a 1954.

Além da seção “Dossiê”, a revista tradicionalmente oferece a seção “Vária”, que, no presente número, traz em sua abertura “A cosmogonia poética de Hilda Hilst”, de Andréa Leitão e Antônio Ferraz, no qual procuram investigar sua poesia a partir da noção de cosmogonia.

O segundo artigo intitula-se “Poesia e sociedade em ‘Paisagens com cupim’”, de João Cabral de Melo Neto”, de Felipe Oliveira de Paula, cujo objetivo é interpretar o poema “Paisagem com cupim”, de João Cabral de Melo Neto, sob uma perspectiva adorniana.

Já o terceiro artigo, “Marginais de segunda classe: viajando pelo Velho Chico”, de Raimundo Carvalho, faz uma produtiva leitura de Segunda classe, de Cacaso e Luís Olavo Fontes, livro central para a chamada poesia marginal. O trabalho centra-se nas qualidades de

livro de viagem, a partir das categorias de testemunho, do humor e do paradoxo.

O quarto e último artigo, “A cadeia de transmissão em ‘O recado morro’, de Guimarães Rosa”, de Clarissa Marchelli, volta-se para um gênero dentro de outro, no caso, o processo de composição de uma canção popular, descrito no conto “O recado do morro”.

Se a seção “Dossiê” apresenta trabalhos que tratam de reuniões de poemas de modo bastante acurado quanto a seus modos de produção e circulação, a seção “Vária” faz um movimento contrário de análise de casos do campo da poesia. O resultado é um movimento interessante entre o olhar ampliado que a antologia exige do pesquisador e o mergulho sempre misterioso no interior dos poemas, outro risco para seu crítico. Em ambos os casos, os resultados são bastante produtivos para o fim que a revista Texto Poético se propõe. Boa leitura!

Junho 2016.

Cristiano Jutgla

Editor

crisaug2005@yahoo.com.br